

PROJETO DE PESQUISA *ETNOHISTÓRIA DO ALTO RIO XINGÚ – PESQUISA INTERDISCIPLINAR – PARQUE NACIONAL DO XINGÚ, MATO GROSSO: PRIMEIROS RESULTADOS*

O Projeto Etnohistória da Região do Alto Xingú, uma investigação interdisciplinar iniciada há mais de vinte anos e retomada em 1994 com novos propósitos, tem por objetivo contribuir para o conhecimento da história desta região, atualmente habitada por onze grupos indígenas de diversas filiações linguísticas (Aruak, Tupi, Karib, Jê e uma língua isolada).

O fato de pertencerem a várias famílias linguísticas não impede que se observe entre estes grupos uma homogeneidade cultural extraordinária, que já levou Karl von den Steinen há mais de cem anos atrás a falar da *Cultura Alto-Xinguana* como um todo. Devido a uma peculiaridade de vestimenta feminina, a área hoje também é referida como Área do Uluri.

Esta uniformidade cultural¹ bastante singular no quadro etnográfico brasileiro,² quanto a sua origem, até hoje não encontrou explicação satisfatória e os conhecimentos que se tem a este respeito continuam fragmentários e desiguais em qualidade (Agostinho 1993: 238). Dever-se-ia a processos aculturativos intra-área? A uma mesma origem e pertinência cultural? E, nesta última hipótese, qual teria sido este lugar de dispersão e há quanto tempo atrás teria ocorrido?

A partir de comparações de elementos da cultura material tinha-se como seguro que as sociedades alto-xinguanas, todas agrupadas ao padrão cultural da Floresta Tropical, teriam migrado de regiões mais expostas ao contato com o branco para esta área não antes de trezentos anos atrás, ocupando a região dos formadores

do Xingú, de difícil acesso, como área de refúgio (Baer 1960: 82).

Este espaço de tempo, contudo, é demasiadamente curto para a constituição de um fundo cultural comum, razão pela qual Baer sugeriu um processo aculturativo já iniciado anteriormente às imigrações e uma aceleração aculturativa intra-área em função de ameaças contínuas por parte de grupos hostis.

Os dados que obtivemos durante a pesquisa de campo, realizada durante os meses de agosto a setembro de 1995, revelam novos aspectos nesta problemática, sugerindo que:

- um dos grupos atuais seja remanescente de uma sociedade autóctone, complexa e poderosa, ou, então, que
- anteriormente aos grupos atuais, a região tenha sido habitada por uma sociedade mais desenvolvida do ponto de vista cultural.

Estas hipóteses se baseiam nos seguintes fatos observados:

- 1) a existência na região de valetas ou fossos de origem antrópica;³
- 2) a existência de construções pedológicas, formando elevações ou plataformas, ambas de dimensões e extensão consideráveis.

Estas construções foram por nós localizadas e estudadas em dois sítios distintos:⁴

(3) A origem natural ou artificial das valetas dividiu os autores em favoráveis a uma ou outra destas alternativas. A favor da primeira hipótese citam-se Simões (1967: 140), Kneip (1969: 1), Becquelin (1993: 228). A segunda é abraçada por Kalervo Oberg (1953: 9), Gertrude Dole (1961-2: 403-5), Villas-Bôas (1970: 22).

(4) Foi relatada a existência de valetas em vários outros lugares. As plataformas até agora não foram referidas.

(1) A uniformidade cultural observada, contudo, deixa margem a diferenças.

(2) Uma região etnográfica com características semelhantes é a do Alto rio Negro.

- a) nas proximidades do Posto Leonardo Villas Bôas (4,5 Km do Posto Leonardo), nas imediações do rio Tuatuari e
- b) perto da aldeia Waurá (cerca de 23 Km do Posto Leonardo).

Acrescentamos a seguir alguns detalhes destas investigações:

Foram efetivados em ambos os sítios prospecções, determinações de localização (estabelecidas com a ajuda de um aparelho de posicionamento por satélite, GPS) e extensão das estruturas, mapeamento dos pontos plotados, etc.

As investigações no sítio Tuatuari

1) As valetas

Encontramos, neste sítio, vários segmentos de valetas que, na realidade, se resumem a uma única valeta, interrompida em vários lugares ao longo do seu traçado. À primeira vista, percebe-se que existe uma inflexão no seu traçado. A terra removida do interior foi depositada quase sempre ao lado interno da curva. Em alguns pontos encontra-se acumulada em ambas as margens da valeta. Tanto o acúmulo unilateral interno como bilateral constituem um forte argumento a favor de uma gênese antrópica, visto que no caso de uma origem natural, a formação de diques marginais ocorre do lado externo da curva de um rio ou meandro. Um outro argumento em sustento da sua artificialidade é a presença de fragmentos de cerâmica. Encontram-se na margem externa, bem como no fundo da valeta, em solo natural, não perturbado, sugerindo, inclusive, uma ocupação anterior à dos construtores da valeta.

A valeta apresenta as seguintes características:

- Formato: elipsoidal e não circular como se pensava num primeiro momento;
- Extensão: eixo maior, aprox. 1.250m; eixo menor, aprox. 650m;
- Profundidade média (atual): 1,50m;
- Largura média: 9m.

Como referido, apresenta esta valeta interrupções. Esta circunstância em conjunto com a vegetação que recobria toda esta região (sapezal) impossibilitou o encontro da porção sul da elipse. O que, todavia, ficou claro é que a valeta não se desenvolvia em direção ao rio, outro argumento a favor de sua origem artificial.

2) As outras estruturas (plataformas) encontradas

Localizamos nesta etapa de pesquisa, novas feições pedológicas em forma, elevações ou plataformas próximas na área circunscrita pela valeta. Trata-se de diversas elevações lineares, convergindo para uma configuração elíptica, um “anel” como nós o denominamos num primeiro momento. Também aqui não se trata, portanto, de uma construção contínua, mas de segmentos, em seu conjunto formando uma elipse. Os diversos segmentos apresentaram as seguintes dimensões:

- a) Largura média: 12m, sendo mais largo nos pontos próximos às interrupções, chegando aos 20m;
- b) Altura média: 1m sobre o nível do terreno, podendo chegar a mais de 1,50m próximo às interrupções;
- c) Extensão: eixo maior, em torno de 150m;
- d) Eixo menor, cerca de 90m.

Toda a área em questão apresenta uma densidade considerável de fragmentos de cerâmica em superfície, observando-se, em alguns locais, um acréscimo significativo.

As investigações nas proximidades da aldeia Waurá

1) A valeta

Nas imediações da aldeia Waurá encontramos outro conjunto de feições resultantes da movimentação de terra por ação humana. Aqui localizamos um segmento de uma valeta, também descrevendo um arco.⁵ Da mesma forma como no caso anterior, a terra removida de dentro da valeta foi depositada na margem interna da mesma. Esta valeta parecia um pouco mais rasa que a observada anteriormente. Isto, contudo, pode ter origem no fato de se usar esta área para o cultivo da mandioca.

2) Estruturas pedológicas (plataformas)

Além da valeta, registram-se também neste sítio feições de acúmulo de terra, plataformas. À diferença do caso observado anteriormente, estes

(5) Parcialmente destruído por uma terraplanagem feita para a instalação de uma pista de pouso aéreo, hoje inoperante.

acúmulos lineares tendiam a ser retos e não elipsoidais. Além disso, apresentavam-se duplos, correndo paralelamente entre si a uma distância média de 12m, com tendência a interceptar o arco formado pela valeta, ao invés de ser concêntrico a ela. Em toda a sua extensão, mas principalmente no seu início, encontramos fragmentos cerâmicos.

Interpretação

A construção de fossos e plataformas, como mostra o quadro etno-histórico sul-americano, não era desconhecida entre as populações deste Subcontinente. Fossos, por exemplo, foram construídos pelos Bauré ao redor de cercos de paliçadas, visando uma maior proteção (Pohlmeier 1950: 6). Outros povos, como os Mojo das planícies bolivianas, construíam montículos, caminhos, canais, campos elevados, etc. (Denevan 1963: 126) como medida contra as inundações sazonais, ou, como era o caso na ilha de Marajó, levantaram tesos artificiais para aí erguer suas moradias ou enterrar seus mortos.

Os fossos e as elevações alto-xinguanas podem ter tido função defensiva ou de drenagem ou outra qualquer. Por enquanto não sabemos. De qualquer forma, são indícios de uma sociedade de conhecimento e capacidade organizacional avançados, não mais encontrados entre os grupos atuais⁶ e, inclusive, atribuídos pela tradição oral a acontecimentos e fatos míticos. Um exemplo disso é o depoimento respectivamente às valetas de Yapacharmã, um informante Waurá, filho do chefe Yutá, que sustenta tratar-se do “caminho que a anta e o veado galheiro percorrem à noite”, ou também de Arako, outro informante Waurá, que nos disse serem buracos de onde saem as mulheres Yamurikuma,⁷ que se enfeitam como os homens e só têm um seio para a luta Huka-Huka.⁸

(6) Vide a respeito de declínio das sociedades indígenas amazônicas o artigo de Lévi-Strauss (1993: 9) onde opina que “La où l’on croyait trouver d’ultimes témoins de genres de vie et de modes de pensée archaïques nous reconnaissons aujourd’hui les survivants de sociétés complexes et puissantes...”.

(7) Trata-se de personagens míticas que como uma forma de vingança, foram para um lugar debaixo da terra.

(8) Esta luta pertence ao cerimonial em torno da festa do Kuarup.

No que diz às plataformas, os fragmentos cerâmicos encontrados na superfície das elevações nas proximidades da aldeia Waurá foram interpretados por informantes destas sociedades como pertinentes a populações anteriores aos Waurá.⁹

Que povos teriam sido os construtores de todas estas obras? Seriam os antepassados de um grupo atual? As nossas investigações não permitem por enquanto qualquer resposta. Interessante neste contexto é o fato de Gerhard Baer (1964: 82), Gertrude Dole (1961-2: 421) e outros autores sustentarem terem sido os grupos Aruak os primeiros a imigrar para a área, equipados com a tecnologia da cerâmica e do plantio da mandioca brava. Os construtores das obras pedológicas na Bolívia e Venezuela eram desta mesma família linguística. A julgar pelo conhecimento tecnológico e organizacional, sem dúvida, poderiam ter sido os antepassados dos grupos Aruak.

Há contudo, a circunstância dos fragmentos cerâmicos depositados em terras natural, não removida à margem externa e no fundo da valeta no Tuatuari, sugerindo, como dissemos, uma ocupação ainda anterior. Por motivos burocráticos e também de tempo disponível não nos foi possível nesta primeira etapa de pesquisa proceder a uma escavação sistemática. Contudo, em outra estadia anterior, havíamos realizado uma sondagem à margem externa e no fundo da valeta no Tuatuari, chegando a uma profundidade de 1,50m. Os fragmentos recuperados na época claramente são de uso doméstico. Trata-se de fragmentos de grandes painéis, como ainda hoje são fabricadas pelas mulheres Waurá,¹⁰ vasilhas e tigelas de diâmetros variados, suportes de painéis, assadeiras, etc.

Na área circunscrita por esta valeta, onde na mesma ocasião procedemos a uma prospecção e coleta de superfície, encontramos fragmentos decorados com incisões, modelagens zoomorfas, bordas serrilhadas, sulcos, etc., chamando a atenção fragmentos de alças com incisões zoomorfas de tamanho e espessura variados, aplicadas como prolongamento das bordas de grandes vasilhas, de forma a constituírem saliência das mesmas.

(9) Sobre as elevações nas proximidades do rio Tuatuari não conseguimos informações indígenas.

(10) Gertrude Dole (1961: 420) a partir de diferenças nas bordas destas grandes painéis, elaborou um esquema evolutivo, sugerindo que as painéis de borda horizontal gradativamente estendida, como hoje são usadas, foram desenvolvidas a partir de duas tradições anteriores.

Pensamos que estes achados possam ter alguma relação com os encontrados na valeta, ambos aparentemente fazendo parte de um complexo cerâmico classificado por Simões (1967, est. 34 e 37) de fases *Diauarum* e *Ipavu* e datados entre os séculos XI e XIV AD (Becquelin 1993: 230).

Dados mais precisos esperamos poder estabelecer a partir de uma nova investigação de campo, cujo objetivo maior será uma investigação mais aprofundada da tradição oral mítica e histórica,¹¹ bem como a coleta e escavação sistemática de material cerâmico não só nos dois lugares referidos como também no anel ou plataforma inscrita na valeta, onde, como dissemos, localizamos abundante material cerâmico. A análise e comparação deste novo material arqueológico há de mostrar a pertinência ou não a uma mesma tradição ou fase, a anterioridade ou não do material cerâmico da

valeta em relação as feições pedológicas, uma relação ou não do material arqueologicamente recuperado com o atualmente produzido e historicamente referido, enfim, uma relação dos fabricantes de cerâmica arqueológica com os construtores das obras pedológicas e destes com os grupos falantes Aruak.

Para o sítio nas imediações da aldeia Waurá, do qual não dispomos ainda de nenhum material cerâmico, um procedimento análogo deve ser realizado.

O estabelecimento destas questões pode significar um passo adiante na problemática do fenômeno peculiar alto-xinguano.

Nobue Myazaki*

Inge Thieme**

Astolfo G. de Mello Araújo***

Referências bibliográficas

- AGOSTINHO, P.
1993 Testemunhos de ocupação pré-xinguana na baía dos formadores do Xingú. V.P. Coelho (Org.) *Karl von den Steinen. Um século de Antropologia no Xingu*. São Paulo, EDUSP - FAPESP: 233 - 288.
- BAER, G.
1964 *Beiträge zur Kenntnis des Xingú-Quellgebietes*. Tese de doutoramento, Basileia.
- BECQUELIN, P.
1993 Arqueologia Xinguana, V.P. Coelho (Org.) *Karl von den Steinen. Um século de Antropologia no Xingu*. São Paulo, EDUSP-FAPESP: 223-232.
- DENEVAN, W.
1966 The aboriginal cultural geography of the Llanos de Mojos of Bolivia. *Ibero Americana*, 48, Berkeley e Los Angeles. 185p.
- DOLE, G.
1961/62A preliminary consideration of the prehistory of the Upper Xingu Basin. São Paulo, *Revista do Museu Paulista*, XIII: 399-423.
- GALVÃO, E.
1953 Cultura e sistema de parentesco das tribos do Alto Xingu. *Boletim do Museu Nacional*, N.S., 14, Rio de Janeiro: 1-56.
- KNEIP, L. M.
1969 Relatório sobre as valetas do Parque Nacional do Xingu. Estado de Mato Grosso. Rio de Janeiro, UFRJ-Museu Nacional.
- LÉVI-STRAUSS, C.
1993 Un autre regard. *L'Homme*, Paris, 9: 33.
- OBBERG, K.
1955 *Indian tribes of Northern Mato Grosso*. Institute of Social Anthropology, Washington.
- POHLMIEIER, A.
1950 *Hochkulturelle Erscheinungen im Kulturbild der Aruak*. Tese de doutoramento, Bonn.
- SIMÕES, M.
1967 Considerações preliminares sobre a arqueologia do Alto Xingú (Mato Grosso). *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas*. Museu Paraense Emílio Goeldi. Publicações Avulsas, Belém: 129-151.
- VILAS-BÔAS, O. e C.
1970 *Xingú – Os índios e seus mitos*. Rio de Janeiro, Zahar.

Recebido para publicação em 19 de agosto de 1996.

(11) Devido a atividades preparatórias da festa do Kuarup, os informantes Kamayurá e Wa urá dispensaram pouca atenção às nossas questões.

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

(**) Pós-graduanda (doutoramento) do Depto de Antropologia – FFLCH-USP.

(***) Depto do Patrimônio Histórico do Município de São Paulo e pós-graduando (doutoramento) do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.